

Português naufraga nos vestibulares

JOAQUIM DE CARVALHO

O ensino de Português nas escolas de segundo grau voltou a dividir os especialistas, com a proposta de se abandonar a exigência de nota mínima três nas provas de Redação dos vestibulares. A sugestão foi feita dia 30 ao Ministério da Educação (MEC) por alguns reitores de universidades públicas, entre eles Roberto Leal Lobo e Silva Filho, da Universidade de São Paulo (USP). A nota mínima três foi instituída por decreto do MEC há dois anos.

"Acho essa proposta absurda", reagiu o professor Ubaldo Luiz de Oliveira, de 45 anos, poeta e coordenador de Português do Bandeirantes, colégio paulistano que coloca 80% de seus alunos nos melhores cursos superiores do País. "Para mim, Redação é tão importante que a nota mínima deveria ser cinco e não três", disse.

No Bandeirantes, onde Redação é ensinada em duas aulas por semana nas três séries do colegial, a decisão repercutiu mal mesmo entre os alunos: "Quem não sabe escrever não tem condição de entrar na universidade", disse José Rodrigo Rodrigues, de 16 anos, que tentará uma vaga em Direito, na USP, no próximo ano.

Na USP, o Conselho de Graduação, que estabelece as regras do vestibular, decidiu, dia 24, reduzir o rigor nos exames de 1991. Manteve, é certo, a nota mínima três para Redação. Mas a relação de livros adotada para a prova de Português, que em 1991 será separada da prova de Redação, foi reduzida pelo Conselho de 14 para nove obras. E, com exceção de Redação, ficou estabelecido que as demais disciplinas não terão caráter elimi-

natório, mesmo o Português para candidatos a cursos de Letras.

O reitor Lobo conseguiu transformar o vestibular eliminatório em quase classificatório com um argumento que destacava a necessidade de preencher todas as quase sete mil vagas da USP — mesmo que, para isso, a universidade tenha de abrir suas portas para alunos com um segundo grau fraco. "O importante não é a qualidade do aluno que entra na universidade, mas a qualidade do aluno que sai", afirma o reitor.

Escola não ensina a diferença entre língua oral e língua escrita, diz professora

Com suas iniciativas para mudar o vestibular, Lobo colocou-se em confronto com uma parte da comunidade acadêmica. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por exemplo, desaprovou as mudanças. "As medidas tomadas pela USP têm caráter populista", afirmou o reitor da universidade, Carlos Vogt, um dia depois da alteração do vestibular da USP. No mesmo dia, a Unicamp entregou aos jornais a relação dos livros exigidos para o próximo vestibular, com 15 obras, mesmo número deste ano.

"Não baixaremos o nível dos nossos vestibulares em hipótese alguma", promete Jocimar Archângelo, coordenador dos exames da Unicamp. Ele critica as propostas de abrandamento formuladas ao MEC. A comissão que defende essas mudanças é presidida por Lobo.

Essa polêmica, acesa também em outras universidades, como a Estadual Paulista (Unesp), reabriu uma segunda discussão: a qualidade do en-

sino de Redação nas escolas de primeiro e segundo grau. Há nove anos, quando lançou o livro *Crise na Linguagem*, a professora Maria Tereza Fraga Rocco surpreendeu a opinião pública com uma pesquisa mostrando a incapacidade da maioria dos vestibulandos da Fuvest em 1978 de articular idéias por escrito. Hoje, quando prepara um estudo com as redações de 1988, ela acredita que os textos continuam tão ruins quanto dez anos atrás. A diferença, contudo, é que Maria Tereza vê a questão, agora, de outro modo.

Sua primeira pesquisa constatou que, de 1.500 redações analisadas, apenas 156 não apresentavam problemas. As demais continham erros graves que impossibilitavam o entendimento dos textos. O trabalho da professora chegou a ser interpretado como a demonstração da existência de uma "geração sem pensamento".

Maria Tereza agora contesta essa hipótese. "O texto nada tem a ver com a estrutura do pensamento do estudante", acredita. Para ela, as más redações são consequência não da incapacidade de raciocinar dos estudantes, mas do deficiente ensino da língua nas escolas desde o primeiro grau.

"Engana-se quem diz que falar é menos difícil do que escrever", afirma. Aprender a escrever, para ela, é tão difícil quando aprender a falar. "Quando um bebê produz o som 'angu', está fazendo um esforço hercúleo para repetir os sons que ouve", argumenta. E compara a situação com as redações do vestibular, em que frases aberrantes refletem o esforço do candidato em preencher o papel sem domínio das técnicas de escrita. Para a pesquisadora, a escola não ensina ao aluno que a linguagem escrita tem mecanismos diferentes da linguagem oral.



Professora Maria Tereza: falhas das redações refletem mau ensino da língua

Maurício Clarêto/AE